

## ENFOQUES FILOSÓFICOS DA LINGUAGEM\*

Urbano Zilles — PUCRS

O homem sempre se sente desadapado ao meio ambiente no qual vive, pois, em comparação com o animal, carece de um instinto altamente especializado que lhe garanta uma conduta segura frente ao mundo exterior. Deve aprender tudo, pois, de certa maneira, é órfão da natureza. Esta gera-o quase totalmente desprotegido. Entretanto, o homem aprende de maneira criadora. Cria cultura. Por "cultura" aqui entendemos, em sentido lato, tudo o que o homem faz.

Entre os fenômenos de cultura destaca-se a linguagem. É o fenômeno originário do encontro humano com o ser e o mundo. O homem nasce numa circunstância interpretada de uma comunidade lingüística. A interpretação é um discurso. As primeiras sentenças aprendemo-las em forma declarativa: "Isto é um A", "isto é uma bola" etc. Damos nomes aos objetos que nos rodeiam, aos objetos observáveis. Mais tarde associamos um predicado simples (perceptível) a um objeto dado, como "esta maçã é vermelha". Passamos a atribuir mais complicados, como "bom", "grande" e "circular", que já pressupõem certa capacidade de abstração. A determinada altura, familiarizamos-nos com conceitos abstratos como "alma", "espírito" etc. Através do conhecimento de certas regras de bom uso da linguagem, as proposições adquirem sentido por causa das conexões estabelecidas entre várias sentenças.

A linguagem é um fenômeno de cultura. Mas, o homem não é só criador da linguagem. É, outrossim, sua criatura. Neste sentido, Karl Popper pode postular um terceiro mundo, o mundo dos inteligíveis, de conteúdos objetivos de pensamento ou das idéias, no sentido objetivo. O terceiro mundo é o dos objetos de pensamento possíveis, o mundo das teorias em si mesmas e de suas relações lógicas, dos argumentos em si mesmos, e das situações de problema em si mesmos.

\* Palestra feita no dia 14 de outubro de 1976 no curso de extensão universitária realizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este terceiro mundo de Popper distingue-se do mundo das idéias de Platão. O mundo platônico das idéias era objetivo, autônomo, com influência e retrocarga sobre nós mesmos, pois tentamos aprender as idéias e as usamos como explicações. Mas, o terceiro mundo de Platão era divino, eterno e imutável. Entretanto, o terceiro mundo postulado por Popper, é feito pelo próprio homem. É produto dos homens como o mel é feito pelas abelhas. Enquanto as formas ou idéias do terceiro mundo platônico são conceitos de coisas, as de Popper são teorias, argumentos e problemas, que transcendem os próprios fabricantes. Esse terceiro mundo popperiano causa grande impacto sobre nós. Nele se conservam nossas teorias, que, como nossos filhos, tendem a tornar-se independentes. Esse terceiro mundo é o mundo da linguagem e do conhecimento objetivo. Somos, por assim dizer, trabalhadores que aumentamos o conhecimento objetivo como os pedreiros que trabalham numa catedral. Aprender a linguagem, nesta perspectiva, significa aprender conteúdos de pensamento objetivo, pois, a linguagem está impregnada de teorias e mitos.

Dizer, com Popper, que a linguagem é um fenômeno de cultura, todavia, não significa dizer, de antemão, que é obra feita ou que se situe apenas no plano consciente, racional e lógico. Se considerarmos trabalhos como de J. Lacan, parece que a linguagem não pode ser reduzida a simples problema de conhecimento ou de lógica.

### 1 — CONHECIMENTO DA LINGUAGEM E LINGUAGEM DO CONHECIMENTO

A posição do homem perante a linguagem parece paradoxal. Ninguém poderá negar seriamente que ainda não conseguiu compreender de maneira adequada os sistemas conceituais que lhe permitiram uma melhor compreensão de si mesmo, de seu circunmundo. Ninguém duvida que a Astronomia de Copérnico, a Física Atômica, a Teoria da Relatividade de Einstein e sistemas científicos semelhantes nos proporcionaram uma melhor compreensão do universo. Conseguimos esclarecer, com relativo sucesso, muitos fenômenos da natureza. Mas, por outro lado, os próprios signos (a linguagem) ainda carecem de esclarecimentos mais satisfatórios.

A linguagem tornou-se um dos temas mais atuais na filosofia de nosso século. Isso a partir de problemas colocados em diferentes campos. Na Teoria do Conhecimento, a "Crítica da Razão Pura" de Kant veio a ser uma crítica da linguagem. A Lógica, preocupada com linguagens "ideais", passou à análise lógica de linguagens comuns. A Antropologia estuda a linguagem como constitutiva da própria essência humana. Ernst Cassirer até caracteriza o homem como "animal simbólico". Descobre-se uma correlação entre forma de linguagem e visão do mundo (Humboldt). A Ética ocupa-se com as formas lingüísticas de enunciados éticos e sua delimitação frente a enunciados descritivos.

Gottlob Frege, no prefácio de sua obra "Begriffsschrift" (Escrito sobre o conceito) escreve: "Se existe uma tarefa da filosofia, esta consiste em acabar com o domínio da palavra sobre o espírito humano, descobrindo as ilusões que surgem quase inevitavelmente sobre relações conceituais no uso da linguagem e libertando o pensamento daquilo que o prende na estrutura do meio de expressão lingüística. E este meu escrito sobre o conceito poderá ser ajuda útil ao filósofo" (*Begriffsschrift*, Darmstadt, 1964, pp. VI-VII). No "Tractatus Logico-Philosophicus", para L. Wittgenstein, toda "filosofia é crítica da linguagem" (4.0031). Nas "Investigações Filosóficas" escreve: "A filosofia é uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem" (n.º 109).

### 1.1 — Enfoques das Ciências da Linguagem

Hoje a linguagem é estudada por muitas ciências: a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Lingüística etc. A Sociologia interessa-se pela conexão entre linguagem e sociedade; a psicologia pelos conhecimentos que a linguagem fornece sobre o desenvolvimento e caráter de processos psíquicos; a Antropologia espera maiores conhecimentos da essência da civilização etc. Sabemos que sem a linguagem não haveria comunicação entre os homens. Por outro lado, não há maior obstáculo à comunidade humana que a diversidade de línguas.

O enfoque das ciências situa-se, por sua própria natureza, no plano ôntico e racional. Desta maneira conseguiram precisar alguns aspectos parciais importantes. Charles S. Peirce fundou a Semiótica dos signos convencionais como função simbólica em oposição aos signos pré-lingüísticos como o "índice" e o "ícone". O Estruturalismo de F. de Saussure distinguiu a linguagem, a língua e a fala. Na Lógica Matemática da linguagem, R. Carnap distinguiu o aspecto sintático e semântico da linguagem e o sistema de regras de uma linguagem "artificial" em oposição à pragmática, ou seja, em oposição à interpretação e relação contextual do sistema lingüístico. Na Gramática Gerativo-Transformacional, Noam Chomsky definiu a "competência" gramatical de um ouvinte e falante ideais em oposição à "performance" de um falante empírico em contextos pragmáticos de situação.

Numa perspectiva filosófica, permanece o problema fundamental que esses enfoques parciais não conseguem tematizar a raiz da própria linguagem. Linguagem e metalinguagem relacionam-se como consciente e inconsciente psíquico do homem. O acesso ao último só acontece através do primeiro. Mas, nem por isso, para abarcar o global, se poderá desarraigar o consciente do inconsciente.

### 1.2. — Enfoque Filosófico

Diante dessas posições claramente definidas, a filosofia ocupa um lugar difícil. Como reflexão teórica sobre a ciência consegue

mostrar as unilateralidades das ciências singulares, sem, no entanto, já conseguir um conceito filosófico próprio de linguagem. Em vista desta situação complexa, a filosofia está tentada a refugiar-se, por um lado, em metáforas mítico-poéticas ou, por outro, a situar-se simplesmente no plano lógico-racional.

Constatamos que as ciências enfocam a linguagem sob dois aspectos fundamentais: em sua função comunicativa e simbólica. Caberá ao filósofo indagar, se este enfoque é suficiente para captar o fenômeno global. No plano lógico, a filosofia evidentemente (sobretudo a filosofia lingüística) manifesta seu interesse pela linguagem no modo como formula os problemas. Onde, p.ex., em outros tempos, se indagava pela natureza da causalidade, hoje se pergunta: "O que se diz, quando se diz que um acontecimento A causa um acontecimento B?" Parece que a filosofia quer libertar o espírito do domínio da palavra, desmascarando ilusões que surgem no uso da linguagem ao relacionar, p.ex., conceitos entre si. Mas, bastará o plano lógico para enfocar adequadamente o problema filosófico da linguagem?

Quer parecer-me que urge situar a questão da linguagem no plano ontológico. Se falamos em linguagem como simples sistema de signos, sempre já pressupomos uma linguagem como condição de possibilidade a priori. Esta condição "a priori" está vinculada ao ser do próprio homem, anterior à linguagem abstrata, situando-se no campo pré-reflexivo.

Primeiro o homem é inserido na linguagem como "forma cultural" da vida de uma comunidade. Aí é o espaço onde o homem pensa e fala o ser. Não é ainda o produto intelectual pronto e acabado, um objeto abstrato à sua disposição. É uma atividade do ser que envolve o homem histórico de tal modo que não consegue distanciar-se totalmente para objetivá-la. Primeiro o homem articula o seu ser na linguagem como o articula através do próprio corpo. Através das palavras falamos e ouvimos o ser.

Num primeiro estágio, a linguagem humana se desenvolve de maneira concreta. Acompanha a gênese da capacidade racional para depois tornar-se mais abstrata. Os nomes são concretos, quase no sentido mágico, i. é, grudado às coisas. A palavra "mãe", antes de ser um conceito universal para a criança, é "esta" mãe bem concreta e só ela. A linguagem vincula-se, pois, à apreensão pré-reflexiva de fatos ou ações particulares. Palavra e coisa formam, no começo, do ponto de vista genético, uma unidade. Todas as gradações ou matizes sucessivas em nossa experiência concreta são descritas detalhadamente, sem serem universalizadas. Neste sentido, a linguagem manifesta certa forma de vida. Este momento ontológico perdura também nas metalinguagens, pois, essas sempre pressupõem a linguagem comum. Do contrário, que significará, no plano existencial, uma proposição "ele é um homem de palavra", se não estiver fundada no próprio ser de alguém? Neste sentido, as ciências da linguagem ocupam-se não da linguagem originária, mas de linguagens derivadas ou metalinguagens.

Caberá a filosofia a tarefa de vincular a linguagem, não apenas com as idéias abstratas ou com as coisas empíricas, mas com o ser, ou seja, tematizar a linguagem primeira, como condição de todo o conhecimento. Para tentar isso, não podemos começar onde Adão começou, pois, certamente não chegaríamos mais longe que ele. Vejamos, primeiro, como o problema evoluiu através da história, indagando alguns pressupostos das atuais ciências da linguagem.

## 2 — ENFOQUE ONTOLÓGICO E LÓGICO-ONTICO DA LINGUAGEM

Constatamos que as ciências trabalham, em geral, com um conceito racional muito abstrato de linguagem. Entre essas ciências destaca-se a lingüística moderna, que trabalha com um conceito tão universal e abstrato de língua, que se pode vir a ser um lingüista especializado sem falar bem língua alguma. Prova disso é que as análises lingüísticas, em geral, são feitas em torno de línguas indígenas ou, entre nós, do inglês e francês.

### 2.1 — Enfoque ontológico

Esta abstração racional tem raízes profundas desde os pré-socráticos. Sobretudo desde Heráclito e Parmênides, toda a civilização ocidental se fundamenta na distinção de dois conceitos: "physis" e "logos", ou seja, entre mundo e palavra, realidade e enunciado lingüístico. A distinção entre esses dois conceitos é a raiz de todas as distinções ulteriores.

Por "physis" entende-se, na cultura grega, a realidade subjacente à pluralidade das coisas de nossa experiência sensível. M. Heidegger quer redescobrir o significado originário de natureza quando diz: "A physis, entendida como sair e brotar, pode-se experimentar-la em toda parte, p.ex., nos fenômenos celestes (nascer do sol), nas ondas do mar, no crescimento das plantas, no nascimento dos animais e dos homens do seio materno. Entretanto, physis, o vigor dominante, que brota, não se identifica com estes fenômenos, que, ainda hoje, consideramos pertencentes à "natureza". Tal sair e sustentar-se fora de si e em si mesmo não se deve tomar por um fenômeno qualquer, que entre outros observamos no ente. A physis é o ser mesmo em virtude do qual se torna e permanece observável" (*Introdução à Metafísica*, RJ, Tempo Brasileiro, 1969). Physis é, pois, nesta perspectiva, o Ser que se manifesta fenomenicamente e possibilita o ser dos entes.

Cosa semelhante vale da palavra grega "logos". No discurso de Heráclito, o logos (koinós logos) que manifesta a todos os homens acordados um mundo comum, desvela a razão e com ela a linguagem, ou seja, o discurso. O logos heraclidiano possui verdade cósmica universal. É compreendido em sua função semântica e simbólica. Diz Heráclito: "Não me ouças, mas ouve a Palavra e confessa que todas as coisas são uma só". O "légein" ainda não

é a designação posterior e exterior do objetivo. O logos desvenda o ser e o sentido.

Segundo Heidegger, o logos, na sua origem, não se refere diretamente à linguagem ou ao discurso. É o velamento e desvelamento do Ser. O logos é o que se torna presença no "légein" humano. É a manifestação do ser, sem se reduzir a esta. Ora, segundo Heidegger, cedo se reduziu a "physis" ao desvelado, ao determinado. Esqueceu-se o fundamento de onde brota e aponta esta presença. Com isso rompeu-se a unidade entre "physis" e "logos", uma ruptura da qual derivam os dualismos, como sensível e inteligível. A metafísica ocidental deu preferência ao inteligível, à razão e ao intelecto. Este logos, já em Platão, se transforma em idéia.

Enquanto Heráclito ainda considera a essência dialética de physis e logos e busca sua unidade, Parmênides critica radicalmente a linguagem dos mortais constituída de simples nomes frente ao pensamento puro e prefere o vir-a-ser da physis ao puro ser. Este esforço de enfocar o processo repercute na tradição ocidental até hoje quando, p.ex., se considera a linguagem mais no seu aspecto abstrato de obra e não como processo. Prefere-se no Ocidente, o ser ao vir-a-ser, o pensamento à linguagem. Desta maneira o dualismo "physis" (aparência) e "logos" (essência) serviu de base para a distinção entre pensamento e linguagem e a distinção de ambos do objeto designado.

### 2.2 — Enfoque lógico-ontico

Platão, sobretudo em sua obra *Crátilo*, elabora um paradigma que até hoje oculta o fenômeno lingüístico em sua radicalidade. O ocultamento manifesta-se nas respostas de Platão às perguntas socráticas: o que é justiça, virtude etc., nas quais o consenso dialógico sobre a significação ou regra do uso das palavras é substituído pela visão das idéias como essências extra-lingüísticas. Em outro lugar, Platão define o pensamento no mesmo sentido "como diálogo sem palavras da alma consigo mesma" (*Sofista*, 263 d). Surge aqui uma distinção radical entre pensamento e linguagem. Esta última é reduzida a expressão secundária ou instrumento (órganon) das idéias. Nesta mesma linha conduz a indagação de Platão para superar a questão da "justeza dos nomes" pela questão da verdade da "afirmação sobre algo" como conexão entre "ónoma" e "rema" (*Sofista* 261 c e 262 e), ou seja, em linguagem atual, da ligação entre sujeito e predicado.

Enquanto, na Antiga Grécia, com a palavra "logos" ainda se expressa a unidade originária entre palavra e realidade no mito (concepção mágica), Platão introduz a dualidade entre o nome e a coisa. A linguagem é separada do ser, formalizada. Heidegger depois fala do "esquecimento do Ser". A linguagem passa a ser fixada como um simples dizer (légein) de um ser (ón) pré-dado. A linguagem é desvinculada do ser, é reduzida a simples símbolo das coisas ou idéias pré-dados. Passa a predominar a concepção

da linguagem como simples sistema convencional de sinais para designar conteúdos já pensados.

Este passo foi fundamental para a lógica e a Teoria do Conhecimento até nossos dias. Descobriu-se a intencionalidade objetiva do juízo, mas pôs-se entre parêntesis as significações lingüísticas que a medeiam. E este problema volta à tona em Aristóteles: "São os sons, para os quais se forma a voz, sinais das idéias produzidas na alma, e a escrita é sinal destes sons. Como nem todos tem a mesma escrita, também variam os sons. Mas o que se indica, em primeiro lugar em ambos, são as idéias da alma, em todos os homens são as mesmas e da mesma maneira o são as coisas das quais as idéias são representações" (*De Interpretatione*, I, 16 a1). Aqui encontramos um segundo elemento paradigmático, que vigora até hoje, na concepção da significação: as concepções ou idéias da alma ou "impressões" das coisas. Com isso, todavia, se reintroduziu algo independente do fenômeno da linguagem como tal, da significação lingüística: o elemento psíquico. Este elemento deve fornecer algo que, como as coisas, que representa, seja intersubjetivamente idêntico e agora — como no caso das idéias de Platão — seja o substrato do princípio lógico da identidade. Mas o fenômeno propriamente dito da linguagem é reduzido à convenção dos sons e sinais. Por isso não se deve estranhar que durante os dois milênios seguintes, o conhecimento da linguagem se tenha reduzido à etimologia das palavras. Reduziu-se apenas as "idéias platônicas" a "conceitos psíquicos".

Desde Aristóteles tematiza-se o aspecto convencional do signo. Não mais se indaga pelo "logos" unificador da comunidade humana. Desapareceu a preocupação pelo sentido do ser e da comunicação intersubjetiva. Esta foi reduzida à informação. Há um texto clássico de Aristóteles que fundamenta o desenvolvimento ulterior. Trata-se de um discurso, sobre as diferentes relações do logos, atribuído a Teofrasto:

"Tendo o discurso uma relação dupla... uma com o ouvinte, para o qual significa algo e outra com as coisas, sobre as quais o falante quer dar aos ouvintes uma convicção, surgem, em vista do ouvinte, a poética e a retórica... em vista da relação do discurso com as coisas, o filósofo cuidará de refutar o falso e demonstrar o verdadeiro". Esta distinção aristotélica fundamenta a moderna diferenciação entre semântica e pragmática. A insuficiência desta distinção mostra-se, entretanto, logo que simplificarmos a seqüência do processo desde o conhecimento, a aplicação da lógica e da linguagem como sinal e comunicação intersubjetiva. Primeiro cada um por si, independente dos outros, conhece os elementos do mundo empírico dos sentidos. Depois, por abstração, com ajuda da lógica geral, abrangemos a estrutura ontológica do mundo. Enfim, designamos, por convenção, os elementos deste mundo e representamos os conteúdos por conexões de sinais. Finalmente comunicamos, com ajuda da ligação de sinais entre si, a outros homens os conteúdos conhecidos.

Aparece, assim, a linguagem em sua função representativa e comunicativa como predomina até hoje em correntes da filosofia da linguagem e na lingüística. A palavra é referida ao conceito e a linguagem à essência das coisas. A essência eterna e imutável das coisas busca-se pelo pensamento. E o "noús" (pensamento puro) passa a predominar sobre o "logos" da linguagem. Com isso a linguagem é reduzida à função de designar objetos. Ignora-se que, para falar da invenção da linguagem ou da linguagem dada por sempre já se deve pressupor linguagem; que a linguagem da teoria condiciona a teoria da linguagem.

A filosofia da linguagem dos tempos modernos baseia-se, por outro lado, na radicalização nominalista da Idade Média. O nominalismo elabora a certeza evidente do conhecimento pré-lingüístico e a idéia do solipsismo ou individualismo metódico. Guilherme de Ockam reduzira o significado platônico do sinal às impressões psíquicas causadas pelos sinais naturais do mundo exterior para o conhecimento intuitivo e reduzira os conceitos universais a função geral de designação dos sinais lingüísticos. Desta maneira Descartes, o pai do racionalismo moderno, pressupõe como evidente, poder abstrair seu pensamento de toda linguagem. Não reflete sobre a circunstância do cogito, que o pensamento em sua possibilidade sempre já está inserido no contexto de uma comunidade lingüística, vinculada realmente ao mundo. O individualismo metódico encontra em John Locke, pai do empirismo, no seu "Ensaio sobre o Entendimento Humano" expressão clara: "palavras, em sua significação primária e imediata, não estão por nada a não ser pelas idéias na mente de quem as usa, mas essas idéias são tiradas das coisas que se supõem representem" (III, 2, 8). Entretanto, Locke sabe também que o uso comum é a regra do emprego adequado: "O uso comum, num consenso tácito, junta certos sons com certas idéias em todas as linguagens, o que limita a significação do som de tal modo que um homem não o aplicando à mesma idéias, não fala com propriedade" (III, 9, 8). O primeiro texto inspira Berkeley, Hume e, até certo ponto, o atomismo lógico de B. Russell. Como o indivíduo fará uma interpretação pré-lingüística para chegar ao consenso intersubjetivo? Que garantia tem que os outros liguem as mesmas idéias com as mesmas palavras?

Leibniz desenvolveu a idéia da "mathesis universalis". Os representantes dessa posição esperam eliminar toda obscuridão da ciência e da filosofia pela consciência sintática-semântica do sistema lingüístico intersubjetivo. Todas as discussões reduzem-se ao cálculo, ao pensamento simbólico cego, sem preocupação dos conteúdos semânticos. Elimina-se a experiência subjetiva. O modelo é a lógica matemática e a teoria da informação. A linguagem, em oposição ao individualismo, é concebida como sistema de um pensamento já pensado.

Hegel concebe a linguagem como "existência imediata do espírito". Tende a fundar a teoria abstrata da linguagem como sis-

tema de signos no chão do logos cristão da revelação. signos. No empirismo encontramos o aspecto de signo de idéias. Comum a estas posições é que a linguagem é um sistema de singulares e individuais e no racionalismo de Descartes e Leibniz a universalidade do sistema, prescindindo do aspecto subjetivo.

Em resumo, o dualismo entre linguagem e pensamento ou coisa tem sua raiz na Antiga Grécia. O pressuposto da identidade entre linguagem e realidade, a unidade de nome e coisa, designada pelo vocábulo logos no antigo helenismo (Heráclito), o logos como manifestação de todo ente em seu ser, e o enunciado de Parmênides de que "o mesmo é pensar e ser", desfaz-se na dualidade da coisa designada e do nome. A linguagem passa a ser vista sempre mais em sua função de designar um ente anteriormente dado. As palavras servem como novos instrumentos ou sinais. Não mais se identificam nome e coisa. Surge uma aporia. Para dar o nome exato às coisas é preciso conhecê-las. Para conhecê-las, precisamos saber os nomes. Há, pois, uma diferença originária, que se introduz no signo lingüístico como transcendência em relação à coisa nomeada, unindo e separando significante e significado. A acentuação dessa diferença, na lingüística e na filosofia, tende a desarraigar a linguagem do ser do homem, de sua corporeidade concreta, para reduzi-la a um idealismo total.

## 2.2 — Unidade viva da linguagem

Quase todos os grandes teóricos da lingüística contemporânea posicionam-se a partir de F. de Saussure (1857-1913) ou em referência a ele. É considerado o fundador da lingüística moderna. Mas, antes de Saussure, W. von Humboldt (1767-1837) inicia a filosofia moderna da linguagem.

Saussure introduzira a divisão tripla: linguagem, língua e fala. O conceito de linguagem interpreta-se geralmente como a faculdade humana mais global, abrangendo os fenômenos de língua e fala. No centro dessa divisão está a língua como produto social, que forma um todo em si. Baseia-se numa espécie de contrato ou convenção entre os membros de uma comunidade lingüística. A fala é apresentada como ato individual, baseado na vontade e na inteligência. Língua e fala formam um todo e se condicionam mutuamente.

O conceito sussuriano de língua é racional e abstrato. A língua só nos é acessível através da fala. Por isso torna-se problemático ignorar a fala e considerar a língua como objeto "em si". Não é a língua um processo vital na fala cotidiana? Humboldt reconhece uma unidade entre pensamento, percepção e linguagem. Caracteriza-se esta última como atividade (enérgica) e não como obra (érgon). Para ele, a fala é o ponto de partida para se compreender a língua, não vice-versa. A verdadeira língua é aquela que se manifesta no processo dinâmico da fala. Só a partir da fala, a língua se desenvolve num sistema de regras com relativa

autonomia. Enquanto Saussure caracteriza a "linguagem" como sistema estático de signos e tende a reduzi-la à idéia abstrata de língua, Humboldt a enfoca como processo dinâmico com tendência de reduzi-la à fala. Na verdade só é possível falar, se há uma língua. E essa só existe como possível de ser falada.

A percepção do sentido (significação) dá-se ao nível da fala. Por isso não se pode considerar a linguagem apenas como sistema autônomo de signos para representar o mundo existente ou imaginado. Arraiga-se no ser do homem. K. Buehler fez bem em mostrar que a fala, na qual se encarna a língua, é também uma forma de ação humana. Se, na língua, as funções das partes são determinadas pelo todo. Esse todo é, no entanto, sempre um axioma ou postulado antes pressuposto que demonstrado. Sob este aspecto, a linguagem é um fenômeno tão misterioso como o da própria vida.

Humboldt usou métodos empíricos de observação, comparando as diversas línguas. Das observações inferiu idéias gerais de grande alcance. Afirmava ser impossível compreender a função da linguagem humana enquanto nela pensamos como simples coleção de palavras. Para ele, a verdadeira diferença entre as línguas não é uma diferença de sons ou sinais, mas uma diferença de "perspectivas universais" (Weltansichten). Entretanto, também Humboldt se limitou quase exclusivamente a problemas estruturais da linguagem. Situando-se na tradição de G. Vico (1774), J. G. Hamman (1788) e J. G. Herder (1803), Humboldt busca uma compreensão da unidade viva da linguagem. Para ele, o homem e a linguagem nasceram conjuntamente. É o órgão que forma o pensamento. Exprime a alma racional naquilo, que tem de específico e manifesta sua visão própria do mundo.

## 4 — ENFOQUES ATUAIS NA FILOSOFIA

A atual volta da filosofia à linguagem caracteriza-se por duas posições fundamentais e divergentes. Ambas partem de uma conexão entre linguagem e homem. Mas já divergem quando se trata da visão do homem e do mundo de como se relacionam homem e linguagem. Para situarmos a diferença basta perguntarmos: está a linguagem à disposição do homem ou dispõe a linguagem sobre o homem?

Se o homem dispõe totalmente sobre a linguagem, essa é apenas um meio ou instrumento para conhecer e planejar seu futuro. Mas, se a linguagem envolve o próprio homem, ela se torna mediadora entre a tradição humana do passado, presente e futuro. O homem não só a cria, mas é criado por ela. No primeiro caso temos a concepção do neopositivismo e neo-empirismo lógicos ou das filosofias analíticas; No segundo caso situam-se os representantes da hermenêutica. Nesta última tendência, a linguagem é concebida como "mensagem" (no sentido de receber e compreender uma mensagem) dirigida ao homem na história.

Por neopositivismo entendemos uma corrente filosófica que na década de 1930-40 partiu de um grupo de pensadores de Viena, conhecido como "Círculo de Viena". Para esse grupo filosofia torna-se sinônimo de lógica da ciência.

O Círculo da Viena nasceu em determinada situação histórica. A filosofia estava ameaçada pela matemática e pelas ciências naturais. Percebeu-se a ambigüidade da filosofia em oposição às idéias claras e distintas da matemática. Busca-se a filosofia como ciência de rigor, sob influência do "Tractatus Logico-Philosophicus" de L. Wittgenstein. Os principais representantes eram Moritz Schlick (1882-1936), Hans Hahn (1880-1934), Otto Neurath (1882-1945), Hans Reichenbach (1891-1953) e Rudolf Carnap (1891-1970). Este grupo desfez-se, oficialmente, em 1938 com a invasão da Áustria pelas tropas de Hitler. Seus principais mentores emigraram para a Inglaterra e os Estados Unidos exercendo grande influência no mundo anglo-saxônico depois da segunda guerra.

Esses pensadores partem da "empíria" e da lógica matemática, constituindo-se o relacionamento entre ambos um dos principais problemas filosóficos. Concebem a linguagem como um sistema de signos. A sintaxe estuda a relação dos signos entre si e a semântica a relação do signo com o designado ou significado.

Uma das principais características do pensamento neopositivista ou empirista é o postulado da verificação. A significação de um enunciado lingüístico depende de sua verificabilidade. Proposições não verificáveis empiricamente carecem de sentido. Ora, como os juízos metafísicos nunca podem ser verificados empiricamente, carecem de valor cognitivo. Desta maneira verificável torna-se sinônimo de verdadeiro e a realidade é idêntica a soma dos fatos. Na ética e na estética, as proposições também não constatarem fatos, mas valores. Entretanto, os juízos "a priori" da matemática e da lógica, embora formais, podem servir de ajuda na descrição dos fatos.

Através das contribuições originais de B. Russell, A. N. Whitehead, G. Frege, A. Tarski em questões fundamentais da matemática e da lógica moderna, os membros do Círculo de Viena voltaram-se, aos poucos, à análise da linguagem (A. J. Ayer, W. V. Quine, C. W. Morris, G. Ryle etc). Como em toda filosofia analítica há uma desconfiança contra a linguagem ordinária por causa de sua ambigüidade frente às exigências rigorosas da ciência, busca-se uma linguagem científica, i.é, totalmente unívoca. Com isso se pretende eliminar também a metafísica, pois, a linguagem comum permite uma liberdade incontrolada e incontrolável. Para isso inspiraram-se no empirismo inglês, sobretudo em David Hume, que concluía seu "Ensaio sobre o Entendimento Humano" com a afirmação solene de que todo nosso conhecimento tem origem na experiência. Escreveu: "Quando persuadidos destes princípios, pas-

sarmos em revista as bibliotecas, que devastação não faremos? Se tomarmos nas mãos um volume qualquer de Teologia ou de Metafísica escolástica, por exemplo, perguntaremos: Este livro contém raciocínios abstratos sobre quantidade ou número? Não. Contém algum raciocínio experimental sobre questões de fato ou de experiência? Não. Para o fogo com eles, pois, outra coisa não pode encerrar senão sofismas e ilusões" (cf. Col. Os Pensadores, vol. XXII, RJ, abril-Cultural, 1973, p. 198).

Os neopositivistas ou empiristas concordam que afirmações, no campo da ciência, ou se referem ao reino abstrato da lógica e da matemática, ou ao mundo concreto de nossa experiência. Do contrário temos enunciados vazios. Por esta razão, enunciados metafísicos sobre o ser carecem de sentido.

Os empiristas empregam o instrumento da analítica ou seja, da lógica formal para sua crítica anti-metafísica com um triplice objetivo:

1.º Para saber o que é verdade matemática para distingui-la da metafísica (programa da matemática teórica).

2.º Para formular a relação entre uma proposição X e proposições que representam a observação direta do mundo, se X for significativa (critério da verificação).

3.º Para construir um sistema conceptual apto a desmascarar a metafísica.

Segundo Carnap, todo problema insolúvel no caminho lógico-empírico é apenas aparente. As questões metafísicas como, p. ex., o sentido do mundo e da vida, da existência de Deus etc. são apenas problemas aparentes, sem significação cognitiva, porque a resposta jamais poderá ser verificada.

Deverá questionar-se o pressuposto de que existe apenas a linguagem das ciências naturais como única válida. Ou como se poderá verificar o próprio princípio da verificabilidade empírica. Sem dúvida existe também a linguagem da arte, da religião, da ética e da estética. Os enunciados dessa linguagem só tem seu sentido e suas possibilidades no todo vivo e na multiplicidade da linguagem comum. O conhecer "claro e distinto" não é o único válido nem o fundamental na vida e convivência humanas.

O postulado de tomar só a linguagem científica (meta-linguagem) como critério de toda linguagem encontrou seus limites no próprio Wittgenstein. No "Tractatus Logico-Philosophicus" (1922) defendeu radicalmente uma teoria atomística dos sinais, segundo a qual a linguagem imita a forma lógica das realidades. Nas "Investigações Filosóficas" (1953) chega a conclusão de que a linguagem já se realiza numa multiplicidade de "jogos lingüísticos" antes da distinção reflexa entre "pensar" (conceito) e "falar" (palavra), ou seja, realiza-se em diferentes "formas de vida". Aprende-se o significado de uma palavra, aprendendo a usá-la em diferentes situações. O significado de uma palavra, segundo ele, está, em grande parte, já no próprio uso. Wittgenstein insere, pois, a linguagem ideal (metalinguagem) de cada ciência na totalidade vi-

va da linguagem comum. Isso porque todas as meta-linguagens se referem à linguagem objeto, que é uma forma de vida. No § 241 das "Investigações Filosóficas" escreve: "... os homens concordam na linguagem. Esta, todavia, não é um concordância nas opiniões, mas nas formas de vida". Chama a semelhança de jogos lingüísticos de "semelhança de família". Reencontra, pois, o caráter de "dialégestai" da linguagem de modo análogo aos gregos, na forma fundamental da família, da "pólis" e, desde o helenismo, na comunidade humana cosmopolita.

#### 4.2 — A Hermenêutica

Se, em L. Wittgenstein, a escola da filosofia analítica e o positivismo lógico (linguagem como sistema sintático e semântico de signos) realizou sua volta como retorno ao "logos" imediato da linguagem abstrata da histórica (operativa, pragmática, i.é, uma concepção da linguagem racional, abstrata à vida), há toda uma tendência, em nossos dias, que acentua mais o caráter dinâmico da linguagem como processo vital. Tentam focar a linguagem em seu aspecto pré-reflexivo, não apenas como objeto de estudo, mas como condição "sine qua non" da própria reflexão humana. Esse grupo busca, por assim dizer, uma axiomática (K. Buehler) ou os fundamentos implícitos, pressupostos nas diferentes ciências singulares da linguagem. Servem menos diretamente à pesquisa positiva que à nossa compreensão do fenômeno lingüístico como acontecimento. Nesta tendência a linguagem não é apenas um meio para expressar conteúdos, mas medeia o falante e o ouvinte. Nessa linha situam-se as tentativas de E. Husserl, Maurice Merleau-Ponty, Martin Heidegger, H. G. Gadamer e outros.

M. Heidegger, em suas "Erläuterungen zu Hoelderlins Dichtung" (Frankfurt, 1963, 3.ª ed. p. 35) apresenta a linguagem como acontecimento (Ereignis), que só acontece na fala e é essencialmente como e enquanto fala. Constitui a existência (o ser-aí) do homem como um ser-com. É um existencial do "Dasein". A linguagem é vista como um processo vital, no qual vive uma comunidade. Só constitui sua realidade através da compreensão.

Heidegger tentou voltar aos começos da metafísica grega para mostrar a dimensão histórico-hermenêutica da linguagem. Segundo ele, os gregos não concebiam a linguagem como instrumento do homem, mas compreendiam o próprio homem a partir do "logos" da linguagem. Portanto, essa é anterior à distinção metafísica e reflexa entre "pensar" (significado) e "falar" (expressão). Anterior à moderna diferença sujeito é, pois, o logos globalizante que desvela o próprio ser do homem. Na multiplicidade dos entes, o homem faz uma experiência originária e a-temática do ser, anterior à qualquer articulação categorial reflexa. Experimenta-se como "mensageiro" de uma mensagem já dada, e, ao mesmo tempo, a ser recebida sempre de novo e de novas maneiras. Por isso, só a partir da mensagem (hermenéia), que se manifesta, no con-

texto lingüístico histórico, se pode falar sobre a mensagem. Aparece aqui o célebre "círculo hermenêutico" (Sein und Zeit § 32) entre compreender e explicar. Desde a concepção metafísica da linguagem, a explicação fixou-se sempre mais unilateralmente à estrutura lógica sujeito-predicado do juízo e à distinção exata entre significado e palavra, ocultando outros modos do logos.

Segundo Heidegger, o homem não é, em primeiro lugar, um sujeito pensante no sentido cartesiano, mas um ser histórico no mundo. Por isso todo pensar permanece ligado ao mundo e à linguagem. Não há razões para emancipar o pensamento lógico-racional da linguagem histórica. Nas últimas obras publicadas, Heidegger diz que toda compreensão se consuma na linguagem e nela se constitui o horizonte histórico da compreensão. Na linguagem o ser chega à fala. Procura esclarecer o acontecimento da linguagem a partir do ser. Na linguagem se dá a "clareira do ser", manifesta-se a "compreensão do ser" e nela fala a "voz do ser".

Heidegger tenta reconduzir a filosofia à questão que lhe é própria: o ser. E a questão do ser não se pode dissolver em métodos de total calculabilidade. Nas ciências, o incontornável é o ser, que já é pensado e dito no ente. E esse incontornável, segundo Heidegger, deve ser experimentado como o inacessível para as ciências. Essa é sua limitação essencial.

Na linguagem o ser se desvela e se oculta simultaneamente. A linguagem é a casa do ser, porque nela acontece como fenômeno. O acesso não é feito pelo pensamento que calcula, mas pelo pensamento que medita o sentido.

A tendência hermenêutica, no fundo se opõe à ilusão da pura objetividade. Chama atenção à indispensável mobilização do sujeito no desvelamento e na apropriação da realidade. De alguma forma, a preocupação hermenêutica assinala a insuficiência do positivismo científico e de certas formas do estruturalismo. Por outro lado, em certos autores dessa tendência, a preocupação do "sujeito" parece tão acentuada que esse está em perigo de ficar só e isolado.

Para concluir, quer parecer que a linguagem deverá ser considerada como uma grandeza transcendental no sentido de Kant, como o tentou mostrar Karl-Otto Apel. A linguagem é uma condição de possibilidade e validade "a priori" da compreensão e comunicação e do próprio pensamento racional, do conhecimento objetivo e do agir "com sentido" do homem no mundo.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — APEL, Karl-Otto, *Transformation der Philosophie* vol. I-II Frankfurt, Suhrkamp, 1973.
- 2 — BUEHLER, Karl, *Die Axiomatik der Sprachwissenschaften*, Frankfurt, Vittorio Klostermann, 1969.
- 3 — CARRILLO, Victor Li, *Las Tres Linguísticas*, em: Revista Venezolana de Filosofía, n.º 4 de 1976, pp. 53-84.

- 4 — CASSIRER, Ernst, *Linguagem e Mito*, S. Paulo, Perspectiva, 1972.
- 5 — CHOMSKY, Noam, *Linguagem e Pensamento*, Petrópolis, Vozes, 1971, 2.<sup>a</sup> ed.
- 6 — FERRATER MORA, J. et alii, *Las Filosofias de Ludwig Wittgenstein*, Barcelona, Oikos-tau, 1966.
- 7 — HEIDEGGER, Martin, *Introdução à Metafísica*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.  
Do mesmo: *Sobre o Humanismo*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- 8 — HUMBOLDT, Wilhelm von, *Ueber die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaues*, Bonn, Duemmler Verlag, 1968 (Fac-Simile da edição de 1836 da Academia Real de Ciências de Berlim).
- 9 — LOCKE, John, *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, em: Coleção "Os Pensadores", vol. XXII Rio de Janeiro, Abril-Cultural, 1973.
- 10 — LUTHER, Wilhelm, *Sprachphilosophie als Grundwissenschaft*, Heidelberg, Quelle & Meyer, 1970.
- 11 — MERLEAU-PONTY, Maurice, *Filosofia y Lenguaje*, Buenos Aires, Proteo, 1969.  
Do mesmo: *Sinais*, Lisboa, Minotauro, 1962.  
Do mesmo: *Ciências do Homem e Fenomenologia*, S. Paulo, Saraiva, 1973.  
Do mesmo: *Fenomenologia da Percepção*.
- 12 — PAVIANI, Jayme, *Fundamentos da Semântica*, Porto Alegre, Sulina, 1976.
- 13 — PEARSON, David, *As Idéias de Wittgenstein*, S. Paulo, Cultrix, 1973.
- 14 — POEGGELLER, Otto et alii, *Heidegger*, Koeln-Berlin, Klempenheuer & Witsch, 1970.
- 15 — POPPER, Karl, *Conhecimento Objetivo*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.
- 16 — SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Lingüística Geral*, S. Paulo, Cultrix, 1972, 4.<sup>a</sup> ed.
- 17 — SHIBLES, Warren, *Wittgenstein, Linguagem e Filosofia*, S. Paulo, Cultrix, 1974.
- 18 — SUMPFF, J., et alii, *Filosofia da Linguagem*, Coimbra, Almedina, 1973.
- 19 — WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, S. Paulo, Nacional, 1968.  
Do mesmo: *Investigações Filosóficas*, col. "Os Pensadores" vol. XLVI, Rio de Janeiro, Abril-Cultural, 1975.